

A IMPORTÂNCIA DOS INÍCIOS

Maria Teresa Sá

Escola Superior de Educação de Santarém
mteresa.sa@ese.ipsantarem.pt

Resumo

Psicanalista e Formadora em Desenvolvimento e Educação, a autora reflete a respeito do processo de humanização como construção biopsicossocial assente numa interpenetração recíproca entre as estruturas iniciais e necessidades do recém-nascido e as respostas socio-emocionais que os *primeiros Outros* lhe oferecem. Estas experiências, que têm lugar nos primeiros anos de vida, experiências humanas e humanizadoras, serão determinantes na construção do mundo psíquico e do seu devir. Apontam-se algumas das características dos *primeiros Outros* que têm vindo a ser identificadas pelos estudos de desenvolvimento precoce e também pela observação psicanalítica das díades mães-bebés e pais-bebés, em que surjem como particularmente importantes as dimensões da sensibilidade, ajustamento e ressonância afetiva, continuidade e reflexividade. Defende-se que cuidar da promoção de um envolvimento favorável, identificando as vulnerabilidades e as dificuldades dos acompanhamentos de que a criança dispõe, desenvolver a literacia emocional e a reflexividade nos adultos educadores e procurar respostas para o modificável em tempo útil, estão no coração da Intervenção Precoce.

Palavras-chave: Primeiros Outros; Relação precoce; Desenvolvimento; Intervenção Precoce.

Abstract

Working as Psychoanalyst and in Teacher Education, the author reflects about the humanization process as a biopsychosocial construction based on a mutual interpenetration between the initial structures and the newborn needs and socio-emotional responses that *First Others* offer. These experiences, which take place in the first years of life, are the settlement of the human and humanizing experience and will be decisive in the construction of the psychic world and its future. The author

points up some features of the First Others, who have been identified by early development studies and also by the psychoanalytic observation of dyads mother-baby and father-baby, arise as particularly important the dimensions of sensitivity adjustment and affective resonance, continuity and reflexivity. It is argued that care for the promotion of an enabling involvement, identifying its vulnerabilities and difficulties in order to develop emotional literacy and reflectivity in educators as well as seeking answers to early modifications, are in the very heart of Early Intervention.

Keywords: First Others; Early relationship; Development; Early intervention.

O ser da primeira infância não está de facto equipado para dominar psíquicamente as grandes quantidades de excitação que chegam do exterior ou do interior. Numa certa época da vida o interesse mais importante é, efectivamente, que as pessoas das quais dependemos não nos retirem a sua terna solicitude.

(Sigmund Freud, 1926)

O bebé chega ao mundo munido com recursos importantes e muito precoces que lhe permitem entrar desde logo em relação¹. Se as estruturas anatómicas de organização corporal e visceral e o sistema endócrino e nervoso lhe garantem um funcionamento biológico elementar e a possibilidade de prosseguir a vida, esta base estrutural, funcional e pulsional não é porém suficiente para fazer do recém-nascido uma pessoa. Os *Primeiros Outros* serão determinantes para a sua sobrevivência, para a construção do seu mundo psíquico e o seu devir.

Nunca será demais lembrar que o processo de humanização é uma construção biopsicossocial, que estas dimensões do ser se constroem numa interpenetração recíproca assente no diálogo entre as estruturas iniciais e necessidades do recém-nascido e as respostas socio-emocionais que os *Primeiros Outros* lhe oferecem – epigénese interativa – e que a procura do Outro é um impulso e uma necessidade tão básica quanto a procura do alimento. Toda a psicologia é e sê-lo-á sempre, antes do mais, uma *psicologia a duas pessoas*.

Os importantes desenvolvimentos da teoria psicanalítica, que se vieram a



corporizar no que é hoje designado por *teoria da relação de objeto* e os questionamentos e elaborações teórico-clínicas a que deram e continuam a dar lugar, têm trazido para primeiro plano a investigação da psique desde os tempos mais precoces da infância e têm procurado integrar de uma ou de outra forma o Objeto – *Primeiro Outro* – na observação do desenvolvimento e também na reflexão sobre própria situação analítica, estudando o seu papel e a forma como o objeto se liga à homeostasia psíquica, à emergência da psique individual, do inconsciente, dos objetos internos e das representações, à constituição e desenvolvimento do Eu e, também, ao quadro e às construções em análise.

Ultrapassando as dicotomias pulsional/objectal, interno/externo, fantasma/realidade, o estudo das características e qualidades do objeto – considerado no plano externo enquanto objeto de vinculação e no plano interno enquanto núcleo estruturante da identidade do indivíduo – tem vindo a adquirir uma importância crescente.

A primeira relação constrói-se como uma dança a dois, espiral em que os comportamentos do bebé e dos seus parceiros – os seus *socius*, na bela terminologia de Henry Wallon – e em particular a mãe, se reforçam mutuamente, como tão finamente assinalaram Brazelton e Stern. É esta matriz relacional que possibilitará um segundo nascimento, para o mundo e para si mesmo.

Se há diferenças evidentes no momento do nascimento, a qualidade desta primeira relação influenciará porém o temperamento, que é bastante modificável durante os primeiros anos. Sabemos por exemplo como a hiper ou hipotonicidade – que estão ligadas ao grau de de sensibilidade e de excitabilidade e à maturação nervosa – assim como as diferenças na regulação das funções vegetativas e a abertura às relações sociais, são modificáveis em função das condições externas. Sabemos também como o desenvolvimento normal de um bebé pode ser fragilizado por influências adversas do meio ou facilitado por influências organizadoras e reparadoras. Como tão bem observa Boris Cyrulnik (1999, p.97) “*aos que dizem perturbações precoces efeitos duráveis, podemos responder que as perturbações precoces provocam efeitos precoces que podem durar se o envolvimento familiar e social deles fizerem narrativas permanentes*”.

Ora quando falamos da influência do meio será importante lembrar que o meio é, nestes primeiros tempos, essencialmente composto pelos cuidadores e pelos seus

cuidados, pelas experiências humanas e humanizadoras que propiciam ao bebé. O sentimento de uma continuidade do ser repousa nas ricas e complexas transações afetivas possibilitadas pelos primeiros diálogos tónico-emocionais com a mãe, co-regulação afetiva que será progressivamente interiorizada pela criança, construindo um sistema operativo interno que a orientará na leitura de si e do mundo e nas futuras relações afetivas e sociais que surgirão desses diálogos em que interior e exterior tomam a palavra. Estes vividos corporais, emocionais e cognitivos enlaçam-se na construção e na diferenciação do sujeito psíquico e permitem ao bebé partindo deste entre-dois ir configurando um interior de si mesmo. Quando suficientemente integrada no conjunto da personalidade, esta experiência origina um sentimento de existência de que a criança poderá partir para se diferenciar e para criar novas ligações.

Foi Donald Winnicott quem introduziu pela primeira vez algumas das características definidoras desta função cuidadora ao falar de *holding*, conceito que representou um passo decisivo para o conhecimento que hoje temos dos primeiros tempos de vida e para a compreensão da importância que neles têm as primeiras pessoas que o bebé encontra, os seus *Primeiros Outros*.

Numa fase inicial, quando os contornos da identidade são apenas fragmentários, supomos que o que o bebé vive no interior da relação constitui a matéria de construção do seu self através de poderosos mecanismos de introjecção e de projecção. Um Eu ainda não diferenciado vai interiorizar e fazer seu o que os Outros com os quais está relacionalmente envolvido lhe fazem chegar, ao mesmo tempo que vai colocar no Outro partes do seu interior que através da relação irá reintrojectar. O que a criança vive na intersubjetividade vai assim construindo a intra-subjetividade que vivifica por sua vez as relações intersubjetivas, o Eu no mundo.

A qualidade destes primeiros encontros, nas funções que asseguram junto do bebé, revelam-se pois decisivas para a construção do seu mundo interno. Algumas das características dos primeiros Outros têm vindo entretanto a ser identificadas pelos estudos de desenvolvimento precoce e também pela observação psicanalítica das díades mães-bebés e pais-bebés. Nestes estudos surgem como particularmente importantes as dimensões da sensibilidade, ajustamento e ressonância afetiva, continuidade e reflexividade.

Por *sensibilidade*, entende-se a possibilidade do parceiro adulto oferecer uma resposta ao mesmo tempo emocional e atempada supondo a capacidade de uma



leitura dos seus próprios estados emocionais, o que permite um ajustamento vivo, ativo e sincronizado com os sinais que o bebé emite.

A *ressonância afetiva* refere-se a uma forma de empatia que permite o colocar-se no lugar do bebé não apenas de forma cognitiva mas ressoando internamente e “emocionadamente” os seus estados. Noções como *contingência*, *harmonização* e *reciprocidade* são outras expressões para o mesmo fenómeno.

Esta capacidade exerce-se através de ajustamentos interativos intuitivos que permitem ao bebé manter ligados os elementos do mundo e os elementos de si próprio. Sabemos que é uma função que intervém muito cedo na estruturação psíquica do bebé e que corresponde ao que Henry Wallon designou por diálogo tónico. Por exemplo, quando o parceiro adulto pega no bebé e procura ajustar-se às suas reações tónicas e aos seus movimentos e o bebé tenta, ele próprio, ajustar-se à forma como é pegado. Quando estes ajustamentos interativos funcionam harmoniosamente, o bebé aprende a organizar as suas próprias reações tónicas segundo o eixo vertebral, que é a primeira aprendizagem do controle corporal.

A *continuidade* supõe que o parceiro adulto assegure referências temporais constantes e fiáveis sobre as quais o bebé pode construir a permanência do objeto a partir da alternância presença-ausência, de uma forma suficientemente controlável para ser suportável. Por exemplo, quando a partir do aparecimento regular do alimento, da pessoa da mãe, ou do conforto que esta oferece, se torna possível ao bebé vivenciar a realização de uma expectativa, começar a guardar internamente os traços mnésicos destes momentos e as suas representações, que poderá então começar a utilizar para os procurar de novo, assim como a eles regressar internamente para se acalmar quando deles precisa e não estão presentes.

Daniel Calinⁱⁱ refere-se precisamente a esta importante função que os cuidadores asseguram quando fala de uma função de *apaziguamento*, fundamental para a primeira regulação emocional, permitindo ao bebé manter a experiência no interior do psiquismo e utilizá-la. Esta função prende-se essencialmente com a capacidade da pessoa que apazigua acolher as angústias, as tensões e excitações e para as absorver e reduzir. Associada a esta função e igualmente assente no modelo intersubjetivo, Bion introduziu a noção de *continente* e de *função alfa*, como processo em que o parceiro adulto assegura a componente transformativa e simbolizante. Recordemos brevemente alguns dos pilares em que assenta a sua teoria: o estado de desamparo inicial do recém-nascido e a sua imaturidade neuro-motora leva a que

esteja numa dependência absoluta de um Outro/mãe que lhe garante a satisfação das suas necessidades e põe côbro ao estado de tensão e desequilíbrio que elas originam. Através de um processo que a teoria psicanalítica viria a designar por identificação projetiva o bebé introduz na mente materna o estado de angústia ao qual não é ainda capaz de conferir nome. A presença protetora, filtrante e securizante da mãe/ adulto assegura o continente no interior do qual os conteúdos em bruto, caóticos e dispersos e as angústias primitivas podem ser depositados, digeridos, ligados entre si e posteriormente devolvidos em condições de serem integrados na trama do psiquismo ainda incipiente do bebé. A mente materna, em estado de *rêverie*ⁱⁱⁱ, cumpriria assim uma função de verdadeira alfabetização e de transformação (função alfa) dos estados emocionais em bruto (elementos beta) tornando-os toleráveis e reintrojáveis, permitindo que se venha a desenvolver no interior do bebé um aparelho para conter as emoções, dar um significado à experiência e pensar os pensamentos. Através de um processo de identificação com esta ferramenta materna, colocada ao seu dispor, a criança construiria um “bom acompanhante interno”, auxiliar para o primeiro reconhecimento, apropriação, gestão e transformação dos seus estados emocionais.

Estas características/ funções dos primeiros cuidadores parecem entretanto assentar em dois pressupostos ou disposições básicas: a possibilidade do adulto reconhecer o mundo interior e emocional que existe na criança desde os primeiros dias de vida e a capacidade do adulto reconhecer e ler as suas próprias emoções e perceber que elas têm um profundo impacto e desencadeiam afetos nos outros (literacia emocional e reflexividade).

Cuidar da promoção de um envolvimento favorável identificando as vulnerabilidades e as dificuldades dos acompanhamentos de que a criança dispõe, desenvolver a literacia emocional e a reflexividade nos adultos educadores e procurar respostas para o modificável em tempo útil, apoiar os primeiros Outros para que possam assegurar estas funções organizadoras do crescimento emocional das crianças e do seu bem-estar (apoio ao apoio) estão no coração da Intervenção Precoce.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1973). *The development of infant-mother attachment. Review of Child Development Research*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bick, E. (1968). The experience of skin in early object relations. In M. Harris & E.



- Bick (Orgs.). *Collected papers of Martha Harris and Esther Bick*. Great Britain: The Roland Harris Education Trust.
- Bion, W. (2003). *Une théorie de la pensée. Aux Sources de L'Expérience*. Paris: PUF.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373
- Brazelton, B. (1989). *A relação mais precoce. Os pais, os bebés e a interação precoce*: Lisboa: Terramar.
- Cyrułnik, B. (1999). *Un merveilleux malheur*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- Freud, S. (1926). Inhibition, symptôme et angoisse. *Sigmund Freud Œuvres complètes Psychanalyse*, vol XVII, (pp. 261,262). Paris: PUF.
- Kernberg, O. (2004). *Contemporary Controversies in Psychoanalytic Theory, Technique, and Their Applications*. London: Yale University Press.
- Golse, B., Gane, H., Le Camus, J., Le Nestur, A., Métra, M. & Tremblay, H. (2003). *Les premiers pas vers l'autre*. Col. mieux connaître les bébés. Paris: Érès.
- Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). *Vinculação, conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi.
- Stern, D. (1985). *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology*. New York: Basic Books.
- Wallon, H. (1941). *L'Évolution psychologique de l'enfant*. Paris: A. Colin.
- Wallon, H. (1942). *De l'acte à la pensée*. Paris: Flammarion.
- Winnicott, D. (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth Press.
- Winnicott, D. (1969). *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot.

ⁱ Prefiro falar de relação e não de interação na medida em que os episódios interativos são coloridos desde o início pela emoção partilhada, o que os torna desde logo mais próximos da relação.

ⁱⁱ Calin, D. *L'apaisement*, Disponível em: <http://daniel.calin.free.fr>

ⁱⁱⁱ Corresponde a um estado mental da mãe descrito como de calma, receptividade para sentir e acolher o que lhe chega do bebé e lhe atribuir um significado.